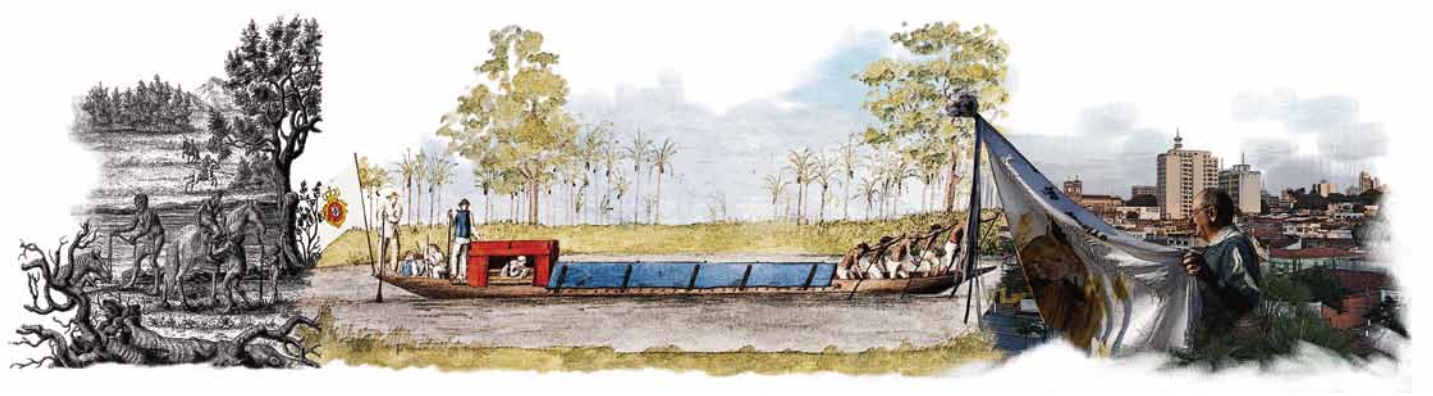
Organizadora
Maria Fátima Roberto Machado

Diversidade sociocultural em Mato Grosso



Autores
Maria Fátima Roberto Machado
Luiz Vicente da Silva Campos Filho
Marina Azem

entrelinhas
Cuiabá, 2008

© Entrelinhas Editora. 2008.

entrelinhas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Machado, Maria Fátima Roberto
Diversidade sociocultural em Mato Grosso: / Maria Fátima Roberto Machado, Luiz Vicente da Silva Campos Filho, Marina Azem ; organizadora Maria Fátima Roberto Machado. –– Cuiabá, MT : Entrelinhas, 2008.
144 p.; il.

Bibliografia.
ISBN 978-85-87226-56-3

1. Diversidade cultural 2. Diversidade social 3. Mato Grosso – História. I. Campos Filho, Luiz Vicente da Silva. II. Azem, Marina. III. Título.

07-8352 CDD – 306.446098172

Índices para catálogo sistemático:
1. Mato Grosso : Diversidade sociocultural : Sociologia 306.446098172

Todos os direitos desta edição reservados

ENTRELINHAS EDITORA
Av. Senador Metello, 3.773 • Jardim Cuiabá
CEP.: 78.030-005 • Cuiabá, MT, Brasil
Distribuição e vendas: Telefax: (65) 3624 5294 • 3624 8711
www.entrelinhaseditora.com.br
• e-mail: editora@entrelinhaseditora.com.br

Impresso no Brasil
1ª edição: fevereiro de 2008
3 mil exemplares

Reprodução proibida
Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.
Nenhuma parte desta edição pode ser reproduzida ou utilizada – em quaisquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia ou gravação, etc, – nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem expressa autorização da editora.

Editora | Design Gráfico | Pesquisa iconográfica
Maria Teresa Carrión Carracedo

Produção Gráfica
Ricardo Miguel Carrión Carracedo

Chefia de arte, capa e fotomontagem
Helton Bastos

Editoração e tratamento de imagens
Maike Vanni • Ronaldo Guarim

Revisão de textos
Henriette Zannini

Fotos
José Medeiros • Mario Friedländer
• Arquivos públicos e acervos particulares • Banco de Imagens C&C

Suporte administrativo para a edição
Carlos Alberto Ozelame

Assistentes de produção
Angela Carrión Carracedo Ozelame
• Rosane Campos • Walter Galvão

Impressão
RR Donnelley

Nota da revisão e abreviaturas
ANI: autor não identificado.
Esta obra utiliza o singular para designar povos indígenas por adotar a grafia convencionada pela Antropologia, como por exemplo: 'os Apiacá', 'os Paresi', 'os Bororo'.

Ilustrações da Capa
• Jucenilde Gregória da Guia, da comunidade quilombola Ribeirão da Mutuca, no município de Nossa Senhora do Livramento (Mario Friedländer) • Pesca com arco e flecha, no Pantanal (José Medeiros) • Mudança de colonos chegando à Gleba Rio Ferro, em 1960 (Paulo Matsubara) • Mapa "Exemplo Geográfico e Descrição demonstrativa das terras e rios mais principaes [...] da Capitania de São Paulo..." Século XVIII. Penalva do Castelo, Casa da Ínsua. Fotografia de Laura Castro Caldas e Paulo Cintra. In: OCEANOS [revista]: A formação territorial do Brasil, número 40, outubro/dezembro de 1999. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999, p. 150-151 • Torcedores no ginásio Aecim Tocantins, no dia da inauguração, durante jogo da seleção brasileira de vôlei, em 2007 (May | Banco de Imagens C&C) • Mapa da Europa, de Willem Blaeu, c 1650 (Digital Vision) • Kalil e Sophia Scaff, nascidos em Zahle, no Líbano, com os filhos Alfredo Hid Alfredo, José Miguel e Luiz (ANI | Arquivo da família Cuiabano Scaff) • Seringueiro da reserva Guariba-Roosevelt (José Medeiros) • Crianças Bororo, em aldeiamento Pobore (Coleção Ramiro Noronha | Casa Barão de Melgaço)

Agradecimentos da Editora a...
• Adair Matsubara • Aldina Cássia Fernandes da Silva • Alex de Mattos • Benedito Mansur Bumlai • Cristóvão Luiz Gonçalves da Silva • Francisca Maciel Galvão • Ivete Bastos Bucker • José Henrique Torres • Juliana Santilli • Vitória Mansur Bumlai Moreira • Yasmin Nadaf

Instituições que cederam imagens para esta publicação
• Casa Barão de Melgaço • Arquivo Público do Estado de Mato Grosso • Cedoc/SES/APMT • Museu da Imagem e do Som de Cuiabá

Apresentação

Com este livro desejamos propor, por meio de um diálogo com estudantes e professores, um novo olhar sobre a diversidade sociocultural mato-grossense, cujas riqueza e complexidade podem ser reconhecidas nos diferentes povos que constituem a sua matriz cultural. Índios, negros, populações tradicionais e migrantes, num processo interativo de culturas milenares, recriam constantemente a identidade mato-grossense. Nesse processo, o desafio está na formação de cidadãos que respeitem e celebrem as diferenças, como o melhor caminho para uma sociedade solidária e com justiça social.

Consideramos que o Estado de Mato Grosso precisa ir além do que estabelece a lei federal que torna obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-brasileiras nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares em todo o país. Para que as políticas públicas contemplem a sua diversidade, uma ampla discussão sobre a sua formação sociocultural é necessária.

Para subsidiar essa discussão, contamos com a experiência da organizadora da obra, professora doutora Maria Fátima Roberto Machado. Antropóloga do Museu Rondon, começou a dar aulas na UFMT em 1982, com interesse especial na formação de estudantes de graduação, colaborando em cursos de Ciências Humanas. Muitos estudantes de História da UFMT descobriram o fascínio pela pesquisa antropológica em seus cursos, e muitos deles aplicam seus conhecimentos no Estado atuando nas áreas de educação, comunicação, patrimônio cultural, artes, turismo e outras. Outros estudantes que passaram por seus cursos se tornaram mestres, doutores e doutorandos nas melhores universidades do país. "Sempre fiz um investimento pessoal e profissional na formação básica de graduação, buscando colaborar para a consolidação não só de um universo de informações e de teorias, mas também, e, principalmente, de uma postura cidadã, de responsabilidade, de comprometimento com a vida, com o futuro social, cultural e político da nossa gente", informa a pesquisadora, que atualmente faz pós-doutorado pelo programa de pós-graduação em antropologia social do Museu Nacional, no Rio de Janeiro.

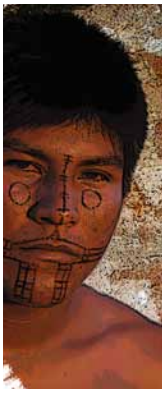
Nesta mesma linha de atuação a professora Maria Fátima tem colaborado com a Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso em eventos voltados para a formação de professores de 2º grau, buscando participar dos debates contra todo tipo de discriminação social e cultural nas escolas públicas. Tem, também, uma longa contribuição com vários órgãos do governo federal em atividades voltadas para a defesa e o fortalecimento das culturas e sociedades indígenas, sendo um dos seus últimos trabalhos a contribuição com a Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural, do Ministério da Cultura, como representante da Associação Brasileira de Antropologia, para elaboração de políticas públicas para as culturas indígenas, que resultou no Prêmio Culturas Indígenas – em sua segunda edição – e na campanha de valorização das culturas indígenas nos meios de comunicação.

"Diversidade sociocultural em Mato Grosso" vem, portanto, para auxiliar nessa grande discussão. Mudar a perspectiva do olhar para as questões do nosso tempo neste território, introduzindo novas e múltiplas variáveis do mosaico sociocultural mato-grossense, ajudará a encontrar e disseminar novos conceitos e visões de uma sociedade diversa, plural, que permita a comunhão dos contrários e o respeito mútuo.

Maria Teresa Carrión Carracedo
Editora

Sumário

Introdução



A diversidade em diálogo 6

Maria Fátima Roberto Machado

Capítulo 1

Mato Grosso Indígena 14

Maria Fátima Roberto Machado

Territórios e culturas no processo histórico regional, 14 • Os Guaikuru: conquistados e conquistadores, 15 • Os paresi: território e cultura Halíti, 18 • As novas territorialidades, 22 • Etnias e territórios atuais, 24 • As terras indígenas, 30 • Textos complementares, 36 • Carta do Cacique Seattle, 36 • Parque Nacional do Xingu, 40 • Sugestão de Atividades, 40 • Para saber mais, 41 •

Capítulo 2

Territórios, culturas e identidades negras em Mato Grosso..... 42

Maria Fátima Roberto Machado

Terras de Quilombos, 42 • Os pretos de Vila Bela, 46 • A escravidão, a memória dos quilombos e as novas identidades, 50 • Comunidades negras tradicionais em Mato Grosso, 59 • Lagoinha de Baixo, uma comunidade rural, entre muitas, 61 • Textos complementares, 64 • Movimentos Urbanos, 64 • Manifesto Quilombola de Vila Bela, 66 • Sugestão de Atividades, 67 • Para saber mais, 67 •

Capítulo 3

Populações Tradicionais..... 68

Luiz Vicente Campos Filho

Tradição e Identidade, 68 • Quem são e onde estão, 70 • Agricultores, 72 • Remanescentes de Quilombos, 74 • Pescadores, 76 • Criadores de gado, 79 • Pantaneiros, 79 • Pequenos produtores artesãos, 82 • Extrativistas, 86 • A Reserva Extrativista Guariba-Roosevelt, 88 • Textos complementares, 90 • Populações tradicionais e a conservação da biodiversidade, 90 • Sugestão de Atividades, 91 • Para saber mais, 91 •

Capítulo 4

Do norte, do sul, de além-mar de Mato Grosso 92

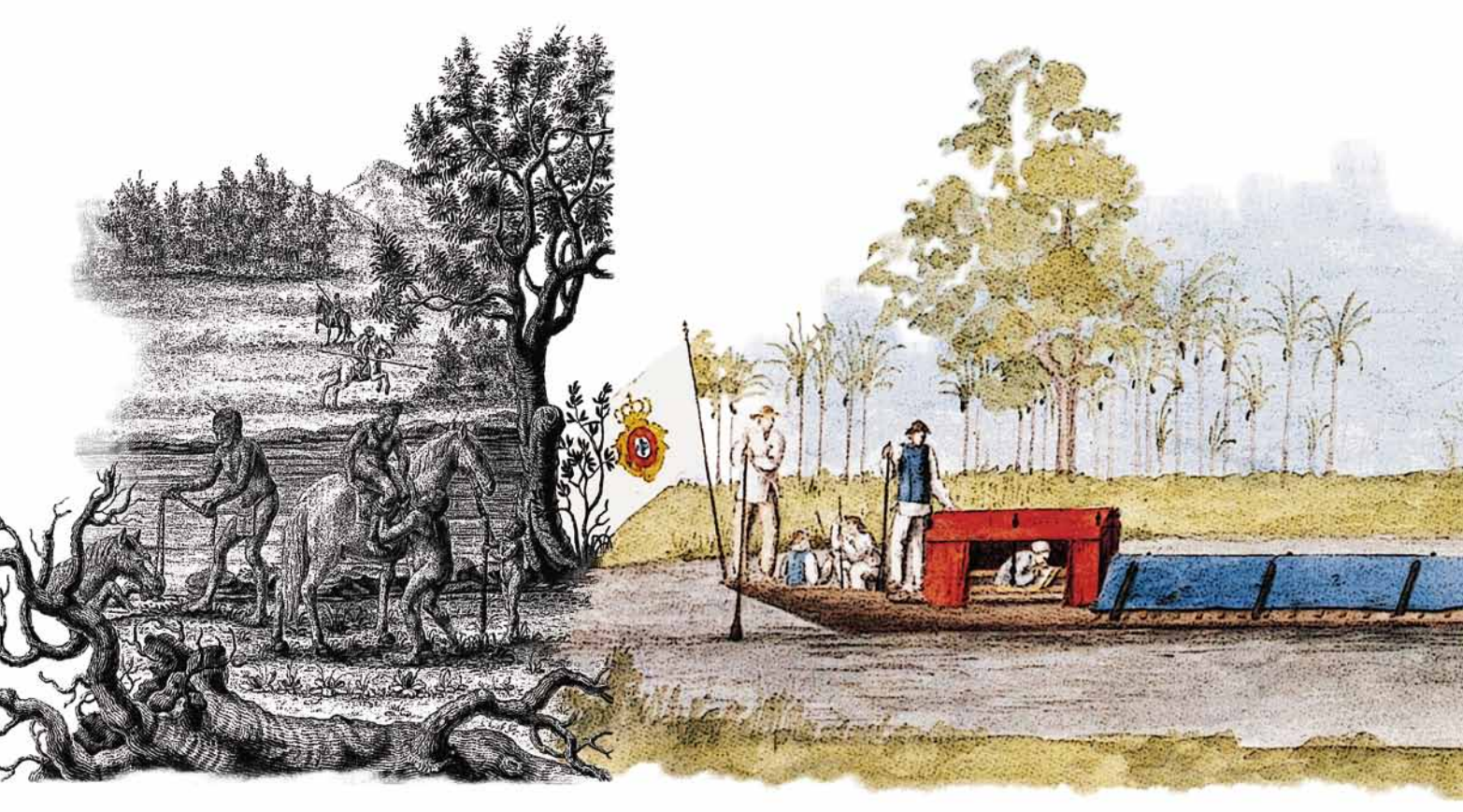
Marina Azem e Luiz Vicente Campos Filho

Novas identidades em novos territórios, 92 • Aqui era só mato!, 94 • Brasil: a busca de riquezas e nova vida, 96 • Mato Grosso: o "Eldorado", 99 • "Andeja corrente humana", 100 • A população de Mato Grosso, 102 • Identidade gaúcha, 105 • Estrangeiros em Mato Grosso, 106 • Árabes, 112 • Italianos, 116 • Japoneses, 120 • Identidades verde e amarela, 125 • Textos complementares, 126 • Histórias de famílias, 126 • Sugestão de Atividades, 135 • Para saber mais, 135 •

Referências

Bibliográficas e iconográficas 136

Introdução



"... é oportuno apurar o olhar sobre nós mesmos, para conhecer melhor quem somos, como já fomos ...

A diversidade em diálogo

Como sabemos, há muitas maneiras de observar os fenômenos relacionados às culturas e às sociedades humanas. Esta coletânea de ensaios é um exemplo dessas possibilidades e gostaríamos que assim fosse concebida por seus leitores. São olhares lançados por pesquisadores interessados em retratar alguns aspectos da sociedade mato-grossense atual, múltipla, complexa, contraditória e, por isso mesmo, rica nos ensinamentos que proporciona aos interessados em pensar o Brasil contemporâneo.

Um cuiabano, um mato-grossense, tradicional ou não, que passeia pelas ruas de nossas cidades, pode testemunhar as transformações decorrentes do intenso movimento migratório do sul do país, em busca de melhores oportunidades de vida e de ascensão social, em grande parte estimulado pelos incentivos governamentais e pelos empreendimentos particulares de colonização que se consolidaram a partir da segunda metade do século passado, plantando núcleos urbanos em plena floresta amazônica e nos cerrados do Centro-Oeste. Esse deslocamento populacional é, certamente, um dos acontecimentos mundiais mais expressivos do final do milênio, principalmente em decorrência do seu vulto e das profundas e definitivas transformações sociais, culturais e ambientais que testemunhamos. Nos dias atuais, quando novos apelos são lançados em escala planetária, em busca de novas fontes de energia e outras inovações tecnológicas, é oportuno apurar o olhar sobre nós mesmos, para conhecer melhor quem somos, como já fomos e projetar como seremos, em busca de uma integração mais igualitária, mais democrática, com mais chances para todos.

Cada vez mais antropólogos, sociólogos, historiadores, geógrafos, economistas e pesquisadores de outras áreas do conhecimento vão decifrar as entranhas dessa sociedade multifacetada que resultou da migração. É um fenôme-

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610/98.

... e projetar como seremos, em busca de uma integração mais igualitária, mais democrática, com mais chances para todos."

no muito recente e que, por certo, será melhor compreendido à medida em que o tempo passa. É bom estar atento aos instantâneos da cidade: uma bandeira da Festa do Divino pode cruzar qualquer rua estreita dos tempos coloniais ou se esgueirar por uma parede de prédios de construção moderna, coletando esmolas para a o santo, como se fazia nos idos do século XIX. É o clamor de uma identidade cuiabana, que resiste às imposições do novo, folclorizada às vezes pelos meios de comunicação, mas colorida, viva nos bairros que são o seu reduto, seu palco de resistência. Um ponto de ônibus, que leva aos núcleos residenciais mais distantes, exibe os traços inconfundíveis da nossa gente, a forte herança de negros e índios, nem sempre assumida com o merecido orgulho, diante de uma nova população de origem européia, de todas as classes sociais, que imprime no cenário urbano uma paisagem até ontem impensada.

O desafio desta coletânea é estabelecer um diálogo, lançar na discussão sobre a nossa diversidade alguns argumentos, em favor de uma convivência saudável entre diferentes, reconhecendo que todos nós temos a aprender com o próximo, no esforço de ser, assim, pessoas melhores em uma sociedade melhor. Menos violenta, menos preconceituosa, mais construtiva, mais propositiva, mais criativa.

O primeiro ensaio, *Mato Grosso Indígena: Territórios e Culturas no Processo Histórico Regional*, busca revelar aos estudantes e aos leitores em geral alguns aspectos do universo daqueles que habitam nossa região desde os tempos imemoriais, procurando nos aproximar das suas maneiras de pensar e mostrar como nós interferimos de modo sempre impositivo nas suas vidas. Uma intervenção pautada por interesses alheios aos seus, a despeito dos esforços históricos para sobreviver às estratégias sutis ou brutais de dominação e de expropriação. É um assunto que alguns podem achar espinhoso, mas uma grande maioria acha fascinante e, de fato, o é, basta acompanhar a abordagem antropológica acerca dos relatos históricos envol-

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610/98.

vendo as trocas, os encontros ou confrontos culturais que se desenrolaram entre os índios Guaicuru e os antigos colonizadores. Quem poderia supor que aqueles que eram considerados os mais autênticos "selvagens" também desenvolvessem estratégias para "amansar" os chamados "civilizados"? Os pesquisadores sabem que essa não é exatamente uma novidade: outros grupos indígenas, em constante conflito com os não-índios, nas frentes de expansão da sociedade nacional, realizaram esforços para compreender nossos propósitos e ações, empreendendo elaboradas expedições de "pacificação".

Em outra oportunidade (Machado, 2000) mostrei como esses mesmos Guaicuru (que no Brasil hoje têm como únicos representantes os índios do grupo Cadiuéu, habitantes da Serra da Bodoquena, no Pantanal de Mato Grosso do Sul), ao receber a visita ilustre do comerciante português Joaquim Ferreira Moutinho – que viveu em Mato Grosso por quase duas décadas, no século XIX –, em sinal de amizade e consideração fizeram tatuagens em seu corpo com tintas de urucum (vermelha) e jenipapo (preta). Em sua memória, surpreso, relatou que eles introduziam essas tintas sob a pele, formando pinturas "burlescas", que os tornavam bastante "curiosos", considerando aquelas figuras "ridículas" e sem significação. Sabemos hoje, pela produção etnográfica sobre esses índios, que são centenas de tatuagens diferentes, que se conservam como seu patrimônio cultural ao longo dos séculos, destinadas fundamentalmente a diferenciar as suas castas nobres. Foi por ter sido reconhecida a sua "nobreza" que Moutinho, o visitante, foi contemplado com uma pintura. Chega a ser divertido comparar a sua afirmação apressada, preconceituosa, com outros relatos, como o de um missionário famoso, Sanches Labrador, que mereceu um comentário de Lévi-Strauss: "até" o missionário tinha se dado conta de que as tatuagens tinham importância primordial para os índios, afirmando que "era preciso estar-se pintado para ser homem; aquele que ficava no estado natural não se distinguia do bruto...". Vemos, assim, que era recíproca a vontade de tirar o outro da "selvageria"...

Exemplos históricos como esse, vistos em uma perspectiva antropológica, são muito bons para fazer pensar e podem nos ensinar a conceber os índios de uma maneira nova, inteligente, como sujeitos que estão sempre se esforçando para interagir conosco através das visões dinâmicas fornecidas por suas complexas culturas e sociedades. Além disso, podem também nos ensinar algo sobre nós mesmos, nos tempos que vivemos: não seria um despropósito comparar essa concepção acerca do papel social da tatuagem na distinção entre as pessoas com a prática de tatuar-se entre os nossos jovens, principalmente das grandes cidades do Brasil e do mundo. Incompreendidos e superando a repressão, imprimem no próprio corpo suas marcas de identificação, seus valores, que escandalizam, que chocam, mas os singularizam na multidão. Aí está um assunto que pode render, certamente, uma boa, inédita e criativa dissertação. E sendo assim, não podemos nos esquecer de um dos nossos, um dos mato-grossenses mais expressivos, pela força e pelo impacto da sua arte, que é o grande artista plástico Clóvis Irigaray, merecedor do nosso respeito e admiração: ele mesmo, síntese do sujeito e do objeto, desfila seu rosto tatuado, corajoso, desafiador e altivo pela cidade, como uma versão pós-moderna dos bravos e nobres Guaicuru.

Um outro exemplo abordado no ensaio é o dos índios Paresi que, pela sua importância histórica e atual, merece aqui também uma observação. Habitantes imemoriais do imenso planalto que preserva o seu nome – Chapadão dos Parecis – e escravizados no século XVIII, tiveram seu território cortado no começo do século XX pelas linhas telegráficas implantadas pela Comissão Rondon, desde Cuiabá até o Rio Madeira, onde começava a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Eram os índios telegrafistas, dos sub-grupos Wáimare e Caxíniti, que manipulavam o código Morse nas

Os Guaicurus tatuavam-se para diferenciar as suas castas nobres. Jovens urbanos, como Ronaldo Guarim Taques – cuiabano descendente de bandeirantes paulistas e índios, com bisavó polonesa –, também se tatuam e se diferenciam.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610/98.

Jovens como Jucenilde Gregória da Guia, da comunidade Quilombola Ribeirão da Mutuca, no município de Nossa Senhora do Livramento, em Mato Grosso, lutam pelo reconhecimento dos direitos da sua comunidade e pela manutenção da cultura afro-brasileira.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610/98.

estações e faziam a manutenção das linhas até a nascente Vilhena, uma antiga estação telegráfica que se tornou a atual cidade do sul de Rondônia. Para a época, o telégrafo tinha a importância que tem hoje a rede de Internet, se pensarmos na evolução dos meios de comunicação. Nesse sentido, os Paresi foram responsáveis por uma das páginas mais importantes da nossa história, da qual nós temos muito que nos orgulhar, apesar do desconhecimento regional e do esquecimento a que foram condenados. O ensaio trata um pouco dessa memória e procura, através de uma abordagem mitológica, compreender a profundidade das relações que se estabeleceram entre eles e o Marechal, um personagem poderoso comparado ao grande herói ancestral Wazáre.

Outros povos são também lembrados, como os Bororo, os Myky, os Umutina, os Panará, os Apiaká, os Kayabi, os Enawenê nawê, os Chiquitanos, os índios do Xingu, como algumas das 38 etnias que compõem nosso Mato Grosso indígena. O objetivo é estabelecer alguns parâmetros de discussão das questões que são consideradas fundamentais na mudança do nosso olhar sobre eles: como concebem a terra, seu conhecimento sobre a natureza, sua população atual, sua presença na cultura mato-grossense, suas formas de expressão, além de informações que geralmente estão disponíveis para um conjunto muito restrito de pessoas, tais como os procedimentos legais para a demarcação das terras, as que já se encontram regularizadas, as explicações sobre as suas autodesignações, textos e ilustrações complementares, além de uma bibliografia básica, acervos, sítios eletrônicos para pesquisas e sugestões de atividades para as escolas, que integram os conhecimentos dos estudantes, professores e da sociedade em geral.

O segundo ensaio da coletânea, *Territórios, Culturas e Identidades Negras em Mato Grosso*, foi escrito com o mesmo intuito do primeiro, pensando nos jovens e adolescentes mato-grossenses, que muitas vezes sentem a carência de material didático sobre temas atuais, exigidos pelo sistema de ensino brasileiro. São grandes os esforços para mudar as mentalidades e exercitar nas escolas as abordagens novas, que são desafiadoras não só para os estudantes mas para todos que convivem com eles. Qual é a importância de discutir e reconhecer os direitos históricos das comunidades negras tradicionais? Por que são chamadas de "comunidades"? São remanescentes dos antigos quilombos? Em que sentido? São negros ou pretos? Eles merecem terra? Onde eles estão localizados? Quais são as suas condi-

A cultura e o conhecimento das comunidades tradicionais estão em crescente valorização. Suas formas de viver são, via de regra, pouco agressivas ao meio ambiente e já aplicavam práticas sustentáveis séculos antes do termo ser inventado.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610/98.

ções de vida? Qual a importância das suas culturas na construção da nossa brasilidade?

Essas são algumas perguntas instigantes que ficam, às vezes, na penumbra e permanecem sem resposta, o que é meio caminho andado para a consolidação de preconceito e de postura avessa às reivindicações desses grupos, estampadas cada dia mais nos jornais e em outros veículos de comunicação em Mato Grosso e no Brasil. Estudos pioneiros aqui entre nós têm sido valorizados como um marco, como referência obrigatória nesse debate, como é o caso da tese de doutorado da antropóloga Maria de Lourdes Bandeira, defendida em 1988 na Universidade de São Paulo, sobre a população de Vila Bela, a primeira capital da capitania de Mato Grosso, fundada em 1752.

Seu trabalho é fundamental para compreendermos a sociedade que se formou em Vila Bela e, talvez seja essa a contribuição do ensaio, pensar como o que no passado era visto em uma perspectiva inferiorizante, a "cidade de pretos", tornou-se hoje motivo de orgulho quando, incentivados pelas mudanças políticas do Brasil contemporâneo, os moradores recontextualizam, ressignificam e fortalecem sua herança cultural. A festa do Congo, um teatro popular em homenagem a São Benedito, é a expressão do que chamamos de "África brasileira": uma simbiose entre a cultura do branco dominador e a cultura dos negros austrais, uma representação das antigas lutas entre os reinos da grande família lingüística banto em torno das epopéias angola-congolesas. O esforço aqui empreendido vai além de um mero "resgate" do passado: é o de revelar a plasticidade das culturas, a versatilidade dos seus portadores para adaptar traços estruturais a novas situações, em diálogo com os "de fora", tendo em vista os interesses atuais da coletividade, marcando sua distintividade diante dos demais.

É impossível ignorar, quando nos referimos à Vila Bela, a força de um mito que apenas em anos bem recentes passou a figurar no palco mais ilustre dos heróis negros nacionais: Teresa de Benguela (oriunda do planalto de Distrito de Mbangala, em Angola). Ela foi a rainha Ginga (Nzinga) do Brasil, que criou nas mais distantes águas do Guaporé, em pleno século XVIII, o seu reino de Matamba.

Das línguas de origem banto, o quimbundo (mbundo), conhecido como "língua d'Angola", invadiu a nossa cultura com tal intensidade que torna-se difícil enumerar suas influências em nossas expressões mais cotidianas. No ensaio,

revelamos algumas delas, mais próximas das nossas referências mato-grossenses, mas há uma infinidade de palavras da grande família lingüística banto que supomos muitas vezes pertencerem ao português.

Uma outra motivação para esse ensaio foi decorrente da constatação de que é urgente a necessidade de recuperar e colocar à disposição dos estudantes bons trabalhos, referências já clássicas, sobre a escravidão. Não podemos correr o risco de alimentar nos jovens a idéia de que os senhores tiveram escravos porque era "chic", era símbolo de *status* tê-los, por isso importavam a mão-de-obra capturada na África e trazida para o Brasil nos navios negreiros. A escravidão – tão antiga quanto a humanidade, desde os gregos, romanos, assírios, egípcios – era um sistema econômico, um sistema de exploração baseado na captura, na venda como mercadoria e na forma mais cruel de trabalho compulsório. É por isso que a sociedade brasileira tem uma dívida histórica para com os negros, porque é injusto em termos humanitários crescer economicamente, enriquecer às custas da tortura e do sofrimento de outros. Esse é o elo principal com a concepção de "escravidão branca" com a qual trabalha hoje o Ministério Público Federal, quando resgata trabalhadores em Mato Grosso e outras regiões do país, contratados pelos chamados "gatos" (intermediários) em suas terras de origem (geralmente nos estados pobres do Nordeste) com promessas de salários fictícios, lançando uma multidão de miseráveis às piores condições de trabalho, às vezes mais degradantes do que no tempo da escravidão.

Vemos hoje em nosso Brasil centenas, milhares de comunidades negras reivindicando seus direitos em torno das chamadas "terras de quilombo", uma designação genérica para uma categoria territorial, que se concretiza na legalização jurídica de formas tradicionais de territorialidade. E em Mato Grosso não é diferente, o que pode ser constatado pela listagem provisória divulgada pelos órgãos oficiais de reconhecimento, como a Fundação Palmares (do Ministério da Cultura) e o Incra. Provisória porque é um universo ainda em construção, por depender sempre da tomada de consciência e das iniciativas das comunidades em reivindicar seus direitos históricos, que é um processo árduo de pensar a si mesma e superar muitas vezes o preconceito que existe até mesmo entre seus membros, decorrente da longa trajetória de sofrimento e humilhação. Há um caminho bastante novo, que praticamente nem começamos a trilhar, no sentido de ampliar os conhecimentos sobre essas comunidades e a falta de dados expressa essa nossa ignorância. Dentre os remanescentes, destacamos a comunidade que se autodenomina Lagoinha de Baixo, situada no município de Chapada de Guimarães, que abriga aproximadamente 50 famílias.

Anexo ao ensaio há uma bibliografia básica, alguns boxes complementares, incluindo a legislação pertinente extraída da Constituição Federal e da Constituição Estadual e sugestões de atividades, para que os estudantes e professores façam um mergulho interessante e produtivo nessa temática.

Os outros ensaios da coletânea foram escritos por dois especialistas em antropologia, que se formaram no primeiro curso do Departamento de Antropologia da UFMT, entre os anos de 1999 e 2000, como tantos outros que dão a sua contribuição em várias áreas de trabalho em Mato Grosso. Eles aceitaram o desafio de abordar outros temas que formam o panorama da nossa diversidade: Luiz Vicente da Silva Campos Filho, um etnoecólogo, mestre pelo Instituto de Biociências da UFMT na área de ecologia e conservação da biodiversidade (de cuja banca de avaliação tive a honra de participar), produziu um texto de caracterização geral sobre as populações tradicionais de Mato Grosso (pequenos agricultores, pescadores, criadores de gado, pantaneiros, artesãos e extrativistas); ele escreveu também, junto com Marina Azem, uma médica com mestrado em Saúde Coletiva pela UFMT (então minha orientanda, com um

Familia de Marina Azem: pai, de origem libanesa, e mãe inglesa, com seus irmãos. Emigrou para Mato Grosso na década de 1980 e hoje se dedica à medicina e à antropologia.

ANI | Arquivo de Marina Azem

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610/98.